

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor—Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO V—Número 1.461

Quinta-feira, 30 de Agosto de 1923

PREÇO—20 CENTAVOS



Redacção, Administração e Tipografia
Calçada de Combro, 38-A, 2.º Lisboa—PORTUGAL

TELEFONE—5339-C

Oficinas de Impressão—Rua da Atalaia, 114 e 115

Enquanto os moageiros
roubam e gozam o produto do
seu roubo, as prisões enchem-
se de operários que o governo
manda perseguir.

De braços cruzados, não!

Perante a situação criada pelo ministro da Agricultura o proletariado não pode ficar de braços cruzados.

O governo teve a faca e queijo na mão.

Podia ter atendido as reclamações do povo consumidor—e não atendeu!

Podia ter estabelecido o tipo único do pão—e não estabeleceu!

Podia ter obrigado as moagens a fornecer-nos esse pão ao preço a 1\$20, cada quilo—e não obrigou!

Apenas teve energia para mandar acutilar o povo!

Apenas teve energia para encher de operários as prisões!

Apenas teve energia para defender as moagens!

O povo não pode ficar de braços cruzados!

O proletariado tem os seus orçamentos mais agravados! Ele terá de reclamar aumento de salário para poder viver. A isso o obrigam as moagens e o ministro da Agricultura.

DE BRAÇOS CRUZADOS NINGUEM FICARÁ!

A NOSSA ATITUDE

O valor da autoridade moral—Não engatamos responsabilidades—O caminho a seguir

Bem podem os órgãos das moagens, ve. Mas as coisas são o que são. «O seu alvo nos roubam protegidas pelo governo, e os mal intencionados pescadores de águas turvas dizer que a greve geral foi um fracasso por ter terminado sem alcançar o objectivo material a que visava de facto, para quem fôr medianamente inteligente e souber examinar os acontecimentos com imparcialidade, greve triunfou porque constituiu uma afirmação moral do proletariado. Vencidos, moralmente vencidos—na pior das derrotas—são aqueles que perante um roubo revoltante, uma extorsão ignobil como é esse negócio do pão, ficaram quedos em suas casas e não tiveram a nobreza, a altivez de lançar-se num movimento de protesto que a não ter outra vantagem, possuia pelo menos a grande e desinteressada vantagem de afirmar, no meio da podridão que nos cerca, uma consciência limpa e um alto sentido de justiça.

Regressamos ao trabalho, sim, mas de cabeça levantada. Regressamos ao trabalho com uma nova força, aquela força que governantes e capitalistas temem em desprazer, essa força que à força de se perder prepara a queda das instituições e dos homens—regressamos ao trabalho plenos de força moral.

Que nos importa que os governantes, os moageiros, os reacionários, os que não tem escrúpulos, à sucata, se riem de nós? Deixa-los rir... porque nós seremos os últimos a rir.

É possível que todos aqueles que censuram a altitude do operariado em defender-se das ladroneiras da moagem ainda venham a arrependêr-se das suas palavras.

O ministro da Agricultura, se tem consciência e se não possui—como por ai se propala—interesses ligados ao triunfo das moagens, deve já ter ouvido a sua própria consciência apodá-lo de círculo e explorador do povo.

Quantos furos não está moralmente acima do ministro da Agricultura um simples e ignorado operário que exponha veio para a luta por uma regalia que, afinal até muitos ricos beneficiam, porque todos a gente como pão?

E ainda há quem queira negar ao povo a spontaneidade—à espontaneidade altamente valiosa desse movimento de protesto! E ainda há especuladores nojentos que censuram a União dos Sindicatos Operários pelo facto de elas afirmado sempre, e com cáradas de razão, que foi a população consumista quem proclamou a greve!

Sim, foi o povo e não a U. S. O., quem declarou a greve geral de protesto contra o aumento do preço do pão. E nem a U. S. O. nem A Batalha o declararam por cobardia, porque apesar de nos honrarmos-se nos antecipámos à população e insinuámos primeiramente que era a necessidade da greve.

E como é hábito da república manter ininterruptamente operários sob

Não nos quizeram dar o pão—mais barato? Esse espírito de luta que visou o barateamento do pão, que mude de directriz e tome por objectivo a melhoria do salário correspondente ao aumento do preço do pão.

Quando dissemos no começo desse artigo que tudo poderíamos ter perdido excepto a força moral, bem sabíamos quanto valia essa força, e que dela pode resultar também um benefício material.

Classes há que vão largar-se na luta por melhoria de salário. E' a força moral a manifestar-se. Quem poderá negar à classe operária a autoridade moral para reclamar maior salário? Quem será capaz de afirmar que são as reclamações proletárias que originam a crise? Acaso não será antes a carestia que a vida—nesta casa a do pão—quem fará elevar os salários?

Digam-nos com imparcialidade os espíritos desempenhados se o ministro da Agricultura não contribuiu para o barateamento do pão, não acaba de perder um momento admirável de esteril—não se perde, como muita gente julga. Quem tem força, deve lutar.

Não podemos censurar os que após a terminação da greve, em greve ficaram ainda. Pelo contrário, apenas admiramos e exaltamos tam belo espírito que governantes e capitalistas temem em desprazer, essa força que à força de se perder prepara a queda das instituições e dos homens—regressamos ao trabalho plenos de força moral.

O secretário geral da C. G. T., o camarada Santos Arraia, foi preso por ordem superior. O seu delito? Possivelmente consiste em ser operário e secretário geral da Central dos Organismos Operários!

Parece-nos que depois de se ter pa-

trado com a Moagem permitindo-lhe

desfrutar a população é ignobil man-

ter-se encarceradas algumas das víti-

mas da Moagem, do governo e da poli-

cia.

Foram postos em liberdade, Santos

Arraia, Aníbal Cruz, Manuel Vieira,

Alexandre Tomás, Alfredo Tomás, António Dias, António Costa, Adrião Al-

ves da Costa, Luís Alves da Costa, Mi-

guel Elias, Tomé da Silva, José Marques,

José Nunes, João Baptista e Mateus Fer-

reira.

Foram presos sem motivo justificado

os operários Jaime Alberto, António

Martinho, João José Teixeira, Manuel

Soares e Alberto Monteiro.

A comissão pró-presos nomeada pela

Federação Marítima procurou outen-

cer-se com o governador civil, o

que não conseguiu, sendo-lhe notificado

pelo seu secretário que aquela autori-

tude de receber hote às 12 horas.

Pulverisando calúnias

A Capital jornal que insulta cotidianamente a classe operária e calunia os seus organismos colectivos e a ação que eles desenvolvem afirmando que se tinha procurado o dr. sr. Ramada Curto para servir de mediador na questão do pão e que este se tinha recusado. A afirmação é falsíssima. Ningum procurou o dr. sr. Ramada Curto pela mesma razão que não fez idêntica diligência junto de nenhum entidade. E, se não foi convidado a mediador como podia o conhecido advogado ter-se recusado a tal?

Desde que o ministro da Agricultura se recusou a receber a comissão que o procurava não se ia agora procurar maneira indireta de torcer a sua despotica vontade ou ela a fazer uma submissa curva.

A Capital realizou assim uma dupla

calúnia, inventando um pedido de

recusa e medindo a organização opera-

ria pelo sr. Manuel Guimarães que se

curva ao díbulo. Resta averiguar quanto meterá no cofre o director da

Capital por caluniar o operariado. Será

ordem da celeberrima Patronal? Ou

apenas ódio vago e mal de espécula-

ção contra os que vivem do trabalho?

A calúnia deve ocultar negócio, pela

certa.

Transportes aéreos

LONDRES, 29.—Tem havido um

constante aumento do tráfico entre

Londres e Paris. Durante os sete meses

passados os aparelhos transportaram

4.200 passageiros contra 5.200 em todo

o ano de 1921. Este facto é devido à

ausência de acidentes.

A U. S. O. pede à classe operária

que se mantenha unida e disciplinada e

aceite as resoluções da reunião dos de-

legados directos dos Sindicatos. As di-

vergências entre operários apenas po-

dem servir de arma nas mãos dos nos-

sos inimigos, que se empêham em es-

magar e desmoralar o proletariado.

A União não engaja responsabilida-

des. Como lhe compete, uma vez de-

clarida a greve assumiu a sua direcção.

Não foi possível vencer, porque contra

o povo se coligaram a força do Estado

que se diz republicano, com a força das

moagens. Mas a afirmação moral do

povo ficou.

Que não nos responsabilizem pela

carescia da vida, contra a qual lutámos

com energia.

Apenas nos deixaram um caminho,

que em último recurso, temos de trilhar:

o aumento de salário. Trilhámo-lo, po-

is. — A Comissão Adm-

inistrativa.

Parece-nos que depois de se ter pa-

trado com a Moagem permitindo-lhe

desfrutar a população é ignobil man-

ter-se encarceradas algumas das víti-

mas da Moagem, do governo e da poli-

cia.

Fomos presos por terem

os ter prendido. Estão presos por terem

os ter prendido. Est

O PROTESTO CONTRA OS RICOS... LADRÕES

Há quem suponha que as nossas campanhas sustentadas contra este regime de ignominia, em perfeito estado de putrefação, tem a orientá-las aquela do de Aristóteles, proclamado do alto da sua filosofia. Isto é que nós apena-se desejamos protestar os humbrás da tirania, ganhando a confiança da multidão. «Ora ganha-se a confiança da multidão declarando-a em guerra contra os ricos.

Embora a filosófica opinião daquele que mais tarde foi o oráculo dos teólogos escolásticos tivesse a confirmação das várias passagens dos acontecimentos históricos, não podemos, contudo, quanto à nossa parte, deixar de considerar falsa a sua aplicação que contra-nos querem dar os solstos burgueses.

Se constituímos um partido político, embora radical, embora avançado, que defendesse o critério da conquista do poder, como único meio de salvação humana, então poderíamos dividir dos nossos intuições, obrigando-nos a umas aspirações a dominadores de rebanhos humanos, instalando-nos nos códicos palácios dos privilégios dirigentes e provincialistas...

Isto está bem a caráter para os políticos que procuram sempre armar a *sensatio*, como aconteceu com os republicanos nos tempos da outra senhora. Eles pregaram contra os ricos e as suas riquezas escamoteadas; eles protestaram logosamente contra todos os roubos dos grandes potentados da indústria e da finanças; eles insurgiram-se contra as carapatas dos monopólios que arruinaram o povo; eles dedilharam o alaúde do sentimento indígena e cantaram o *fado* da miséria e da opressão proletária.

Conseguiu os seus fins, assaltado o poder, abandonados no dôce *paradise* das suas posturas rendosas—chegam à dolorosa conclusão a que nos conduziu tóda essa borrecharia que todos os dias presenciamos: semão todos, quais todos estão convintes na intensificação da roubaíra, na multiplicação dos monopólios, na constituição de novos trusts na pirataria da moagem e da padaria; numa palavra: nas mil e uma tratandas que são a causa permanente de tóda a agitação nacional. Enquanto, tornaram-se os novos tiranos

e os modernos protectores de tóda a sorte de ladrões...

A nossa campanha é diferente, porque não visa apenas o cultivo da emoção popular. Não somos bem nós que protestamos contra os ricos e os ladrões.

Estes, como bem disse Leroy Beaujou, é que, com a sua vida e as suas ações, predicam contra a sua própria sociedade de crimes; estes é que são os grandes factores do socialismo, apresentando uma questão a resolver: a questão social; despertando uns desejos entre as massas espoliadas: os desejos, cada vez maiores, de viverem também felizes, de terem, por igual, o direito ao pão, que o governo e a moagem actualmente res-trinem.

Assim posta a questão, nós, militantes das ideias libertárias defendidas pela organização trabalhadora; nós, parte integrante dessas mesmas massas espoliadas, reconhecemos, com Say, que a riqueza e a miséria caminham em linha paralela. Vemos, com Rousseau, em cada palácio que se levanta, majestoso, nas capitais, a rasgar o azul dos céus, a ruína de todo um país...

Por exemplo: os bancos; por exemplo: os ministérios, essas *bocas de lobo* que tragam tóda a felicidade pública...

«Pretendemos, para remediar o mal, apoderar-nos desses bancos e desses ministérios? Não; para curar os ricos, os ambicionamos eliminar esses bancos e destruir esses ministérios. Se o paraíso dos ricos é formado com o inferno dos pobres; se os ricos complicam a vida com mil superfluidades, tais nojentas como plenas de perigo; se aquele que possuir muitas riquezas artificiais não é mais rico do que aquele que possuir todos os meios de adquiri-las com um valor mais rial — se não são nemhuns povos Hugo, Michelet e Rossell — nós o que queremos, não é abandonar o inferno dos pobres para ir para o paraíso dos ricos, mas desbaratar esse paraíso para calir o inferno; não é fugirmos para as superfluidades, ajudando a compilar ainda mais a vida, tornando-a ainda mais nojenta e perigosa, mas re-pudiar tódas as superfluidades existentes, todos os desbaratos, todos os desmandos, tódas as licenciosidades luxuriosas e orgiáticas, para que a Humanidade,

Clemente Vieira dos SANTOS.

A polícia

Lavraria grande descontentamento contra o aumento do preço do pão

Recebemos num impresso de autos da Policia de Segurança Pública de Lisboa, uma declaração sobre a atitude da polícia no último movimento contra o encarcereamento do pão. Nesse documento, escrito a tinta e duma maneira legível, afirma-se que a polícia se encontrava ao lado da classe trabalhadora e pedia-se a esta que a não hostilizasse.

De envoltos com esta precisa afirmação faziam-se energicos e contundentes comentários à carestia do pão e classificavam algumas medidas repressivas de fantochadas carnavalescas.

O documento não é longo, mas é bastante expressivo. Significá-lo é a sinalização do estado do espírito em que se encontra a polícia. Não nos admira que tal aconteça dada a época de latrocínio em que vivemos e em ser a própria polícia agravada com o estupendo aumento do custo do pão.

Pró-Casa dos Trabalhadores do Porto

Um grandioso festival nocturno no Palácio de Cristal

Promovido pela Comissão Central Pró-Casa dos Trabalhadores do Porto, realiza-se no próximo domingo, pelas 21 horas, no Palácio de Cristal, um grandioso festival nocturno, que está provocando vivo interesse e entusiasmo entre o proletariado daquela cidade.

Do programa fazem parte surpreendentes iluminações, um concreto pela qual justamente apreciada banda da Guarda Nacional Republicana e vistosos fogos de ar, aquáquico e de artifício, fornecidos pelos afamados pirotécnicos Castro, de Viana, e Rodrigues, do Bonfim.

A excelente elaboração do programa, o alto fim em vista e a modicidade dos preços de entrada, apenas 300, garantem uma extraordinária concorrência a este festival, que deve marcar como uma demonstração do bom gosto e dedicação dos elementos operários o valor da organização operária.

PELA ORGANIZAÇÃO

EM PORTIMÃO foi reorganizado o Sindicato de Construção Civil

Em reunião efectuada em 25 de corrente foram nomeados os camaradas para os corpos gerentes deste Sindicato, que devido aos esforços dum comissão foi reorganizado. Nesta reunião, usou o palavrão o camarada José Buzel, que fez largas considerações demonstrando o valor da organização operária.

SECÇÃO TELEGRÁFICA

Federações CONSTRUÇÃO CIVIL

Sindicato de Portimão. — Foi tomado na devida consideração o vosso esforço. O expediente segue hoje.

Sindicato de Alcains. — O livro de descarga será enviado quando estiver concluído o papel timbrado.

Sindicato de Vila do Conde. — Recebemos vosso ofício. As caderetas são enviadas hoje. Enviamos a cotização.

MOBILIÁRIA

S. Brás de Alportel. — A. P. — Se-guiu carta registada. Acusa recepção.

Mutualismo e cooperativismo

Cooperativa dos Fragateiros. — Realizou hoje, às 10 horas, em assembleia geral, para que os sócios tenham conhecimento dos contratos feitos com a compra das últimas embarcações. A direção pede aos sócios a sua compari-ciação visto tratar-se dum caso de maior im-portância.

A BATALHA

TEATRO SÃO LUÍS HOJE

Récita elegante da moda

Penúltimo espectáculo em que toma parte a tonadillera

LA GOYA

Todas as noites

se representa completa a revista

Fado Corrido

Teatro Maria Vitória

(AVENIDA PARQUE MAYER)

HOJE e todas as noites

Dois espectáculos

com a célebre revista

FADO CORRIDO

Ampliada com um novo quadro e 4 números novos

Deslumbrantes scenários

A BATALHA

NA PROVÍNCIA

NOS ARREDORES

COVILHÃ

15 DE AGOSTO

Infâncias a que urge pôr termo

Referimo-nos na nossa penúltima cor

respondência a alguns operários arvo

ados em mestres que cometem abusos

que muito os jaris revoltar se elas se

encontrasse na situação em que se

encontram os que estão debaixo da sua

alçada.

Hoje vamos citar dois exemplos pas

sados, um na semana passada na fá

brica Ultimago Gomes, Fael & C. e

outro na fábrica de Filipe Saraiça.

Essa correspondência publicada em

A Batalha, causou enorme satisfaç

ão entre o operariado e em especial entre

as vítimas das repressões de alguns

mestres e patrões.

Fico, talvez por que lhe assentasse

a carapuça, o sr. António Gomes, ex-

caixeiro e hoje arvorado em industrial,

(isto deixa invito) vende uma operá

ria com um exemplar de A Batalha na

mão, dirigu-se-lhe e preguntou-lhe se

as mulheres também liam o nosso jo

urnal. Como ela respondeu afirmativa

mente, este cavalheiro pediu-lhe e ras

gou-a na sua frente, facto que pode

mos provar se for preciso.

Agora nos respondemos-lhe em lugar

da operária: Nós operários temos

direito a ler os nossos jornais que são

os únicos que falam a verdade e com

batem a hipocrisia, como o sr. Gomes

tem o direito de ler a Epoeca e tanto

outros pasquins, semelhantes a uma fo

de couve que na praça se vende por

qualquer preço...

O outro caso passado na fábrica Sa

raiva: Dous operários que pretendiam

entrar dois minutos depois de tocar o

apito, não poderam trabalhar meio dia.

Estes casos passam-se com frequência

em muitas oficinas, sendo necessário

que o operariado ponha termo a tais

infâncias, para os quais chavamos tam

bém a atenção ao respectivo sindicato.

A polícia e as multas

Será verdade? Segundo uma informa

ção que recebemos dum povo amigo,

a polícia foi aumentada nos seus ven

tementos com estas condições impostas

pela Câmara Municipal: multar seja

quem for, desde que não sejam amigos

nenhuma pertençam às camadas sociais da

alta roda, sendo uma parte das muitas

ascendentes no fim de cada mês aos anti

gos vencimentos, de maneira que quantas

mais muitas aplicarem maior será o

seu ordenado, e para isso andam mun

dos dum apontamento das muitas apli

cadas. Será verdade?... Nós acreditamos

que o seja, porque a polícia tem

andado ultimamente numa caçada ter

velha à multa.

SILVES

28 DE AGOSTO

Uma bela iniciativa dos corti

ceiros

Já vão muitos adentados os melhor

mentos que os corticeiros resolvem

realizar na sede do seu sindicato e que

consistem em levantar mais um pav

amento, fazendo-se assim uma ampla

sala, que ficará sendo talvez a maior

desta cidade.

Devem os camaradas corticeiros que

ainda não contribuíram com o seu au

to ao sindicato que o seu

comité de esclarecimentos entre os

operários da Covilhã, para que

o seu comité resolva, apreendendo

assim o desejo dos trabalhado</p